



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE CINEMA E ANIMAÇÃO

**O DIRETOR DE PRODUÇÃO: ORÇAMENTO CINEMATOGRAFICO E
SOLUÇÕES CRIATIVAS**

NATÁLIA MEGGIATO CABRAL

PROF^a. ORIENTADORA: LIÂNGELA XAVIER

PELOTAS, 2013

NATÁLIA MEGGIATO CABRAL

**O DIRETOR DE PRODUÇÃO: ORÇAMENTO CINEMATOGRAFICO E
SOLUÇÕES CRIATIVAS**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Pelotas como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel em
Cinema e Animação.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Josias Pereira

Prof. Me. Michael Kerr

RESUMO

Esta pesquisa concentra-se na análise do trabalho do Diretor de Produção durante a realização de um filme. Com ênfase na sua organização de acordo com o orçamento disponível e nos processos criativos, são apresentadas duas produções brasileiras distintas: “Antes Que o Mundo Acabe”, de baixo orçamento cuja Direção de Produção foi exercida por Nora Goulart, e “O Tempo e o Vento”, de alto orçamento cuja Direção de Produção foi exercida por Wellington Pingo. Através de revisão bibliográfica e de coleta de dados, é demonstrado que o orçamento interfere no trabalho do Diretor de Produção e que sua experiência profissional ajuda-o a solucionar imprevistos de maneira criativa.

Palavras-chave: Cinema, Diretor de Produção, Orçamento, Organização, Criatividade.

ABSTRACT

This research focuses on analyzing the work of the Production Manager during the making of a film. Emphasizing on its organization according to the available budget and to the creative processes, two distinct Brazilian productions are presented: “Before the World Ends”, a low-budget film whose Production Manager was Nora Goulart, and “Time and the Wind”, a big-budget film whose Production Manager was Wellington Pingo. Through literature review and data collection, it is demonstrated that budget interfere in the Production Manager’s work and that its professional experience helps solving unforeseen situations in a creative way.

Keywords: Cinema; Production Manager; Budget; Organization; Creativity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
1. O DIRETOR DE PRODUÇÃO NA REALIZAÇÃO CINEMATOGRAFICA	07
1.1. As etapas de um filme.....	07
1.2. A equipe de produção.....	08
2. O TRABALHO DO DIRETOR DE PRODUÇÃO: ORÇAMENTOS DISTINTOS	11
2.1. Baixo Orçamento: a produção do filme “Antes Que o Mundo Acabe”.....	11
2.2. Alto Orçamento: a produção do filme “O Tempo e o Vento”.....	13
3. O ORÇAMENTO	17
3.1. Análise sobre os imprevistos do filme e a criatividade do produtor.....	17
3.2. Análise sobre a organização do produtor e a sua dedicação à etapa de pré-produção.....	19
CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
ANEXOS	26
Anexo A: Entrevista com Nora Goulart.....	27
Anexo B: Entrevista com Wellington Pingo.....	34

INTRODUÇÃO

A produção de filmes no Brasil é crescente, seja ela feita com recursos públicos ou recursos privados, com sistema analógico ou sistema digital, vinculada a uma distribuidora ou feita de forma independente.

Uma das conquistas importantes do período recente diz respeito à quantidade de longas-metragens produzidos. De uma marca de 20 a 30 filmes anuais lançados do período da retomada até 2003, chegou-se a um patamar de 70 a 80 filmes, entre 2006 e 2010, com o ápice de 99 lançamentos em 2011, impensável há bem pouco tempo. (ANCINE, 2012, p. 19)¹

Independentemente do formato a ser realizado e do número que será alcançado nas bilheterias, haverá um produtor que dará o máximo de si por acreditar no projeto.

O setor de produção necessita de funcionários responsáveis, pois “Produzir é talvez a palavra mais importante num set de filmagem. [...] O produtor é a mola-mestra, o grande possibilitador de toda a engrenagem” (MARQUES, 2007, p. 59).

A equipe de produção trabalha do início ao fim do filme através das etapas de Desenvolvimento, Pré-Produção, Produção e Pós-produção. Um dos integrantes desta equipe é o Diretor de Produção, profissional que começa a trabalhar após o orçamento ser captado. A sua função é administrar o andamento do filme, elaborar o cronograma de gravações, contratar a equipe, prever e resolver imprevistos e dar suporte a todos os outros setores – Direção, Fotografia, Arte, Som, Elétrica, Maquinária, Montagem e Elenco - ajudando no que for preciso.

O orçamento de um projeto cinematográfico pode interferir na organização e no envolvimento do Diretor de Produção com o filme e, sendo assim, a organização do Diretor de Produção pode interferir no andamento do longa-metragem.

Algumas funções exercidas pelos componentes da equipe de produção são conhecidas apenas pelos profissionais que trabalham na área. A maioria dos livros publicados citam as funções sem discriminar qual produtor faz o quê. É importante abordar este tema para que acadêmicos e interessados do ramo audiovisual conheçam o que realmente acontece no andamento de um projeto cinematográfico no Brasil a partir do trabalho do Diretor de

¹ Em: <<http://www.ancine.gov.br/sites/default/files/consultas-publicas/PDM%20-FINAL.pdf>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2012.

Produção, mostrando sua organização para administrar o filme de acordo com o orçamento disponível.

Para descrever o trabalho deste profissional em cada etapa de um filme e citar as funções dos demais produtores, este artigo realizou-se através de revisão bibliográfica dos autores Chris Rodrigues - Produtor e Diretor já falecido que trabalhou durante cinquenta anos no ramo audiovisual - e Aída Marques - Produtora, Diretora, Montadora, Doutora em Cinema pela Universidade de São Paulo e professora do curso de Cinema da Universidade Federal Fluminense, que trabalha há mais de trinta anos no ramo cinematográfico.

No livro “O Cinema e a Produção”, Chris Rodrigues aborda a função da equipe de produção no decorrer de um projeto. O cineasta Nelson Pereira dos Santos declara que o livro de Rodrigues “é uma iniciativa pioneira; são poucos os livros de técnica de cinema, e, no que se refere ao setor de produção, nenhum”². Há escassez de livros e artigos publicados sobre este tema.

Aída Marques em “Ideias em Movimento” explica a função de cada departamento técnico, aborda a importância do Produtor e cita algumas características que considera importantes para este profissional.

Para analisar o modo de organização de um Diretor de Produção de acordo com o orçamento disponível, exemplificar algumas funções e contrastar modos de trabalho foi realizada coleta de dados através de entrevista padronizada com dois Diretores de Produção, Nora Goulart e Wellington Pingo, que trabalharam nos filmes “Antes Que o Mundo Acabe” e “O Tempo e o Vento”, respectivamente.

Nora Goulart trabalha com produção de Cinema há 25 anos e no ano de 2007 foi Diretora de Produção do filme “Antes Que o Mundo Acabe”. Este longa foi dirigido por Ana Luiza Azevedo, feito com 1,5 milhões, quarenta profissionais, capturado em formato 16mm e com um roteiro que representava os tempos atuais.

Wellington Pingo trabalha com produção de Cinema há 26 anos e no ano de 2012 foi Diretor de Produção do filme “O Tempo e o Vento”. Este longa foi dirigido por Jayme Monjardim, feito com 14 milhões (dado extraoficial do coprodutor executivo Beto

² A frase faz parte da sinopse do livro “O Cinema e a Produção”.

Rodrigues), cerca de 120 profissionais, capturado em formato digital e com um roteiro que representava o século XIX.

O trabalho se propõe a analisar a atuação dos dois Diretores de Produção em filmes que apresentam orçamentos contrastantes. “O Tempo e o Vento” foi produzido com valor nove vezes maior do que o “Antes Que o Mundo Acabe”.

1. O DIRETOR DE PRODUÇÃO NA REALIZAÇÃO CINEMATOGRAFICA

1.1. As etapas de um filme

A etapa de Desenvolvimento de um filme é o período utilizado para criar e modificar o roteiro e também para captar os recursos. Com a história pronta, ou quase - mesmo que faltando ajustes finais do roteirista ou do diretor -, o Produtor Executivo prevê o tempo de trabalho e faz o cálculo do orçamento que será necessário para fazer o filme. Depois disso, sai em busca dos recursos: monta um projeto com justificativa, argumento, sinopse, planilha de gastos e demais dados que deem credibilidade ao filme. Com o projeto pronto, é possível inscrevê-lo em editais de incentivo à cultura e procurar empresas interessadas em patrocinar ou apoiar a produção.

Na etapa de Pré-Produção, com o dinheiro já captado, o Diretor de Produção inicia o seu trabalho. Contrata as equipes de fotografia, de som, de arte, de produção, de maquinária e de elétrica. Aluga equipamentos, finaliza a decupagem de produção do roteiro, cria o cronograma de gravação (muitas vezes montado junto com o Diretor e com o 1º assistente de Direção). O filme começa a ser estruturado e é montada a logística. O Desenvolvimento e a Pré-Produção são fases burocráticas que envolvem negociações.

Na pré-produção é preciso que tudo esteja pronto, disponível, certo. O produtor é a peça-chave para que cada detalhe esteja confirmado, sem deixar faltar nada. Aqui, a organização e uma boa visualização do projeto são extremamente importantes e essenciais, porque na fase de filmagem isso fará a grande diferença. (COLUSSO, 2009, p. 9)³

O Diretor de Produção “[...] organiza toda a estrutura de produção do filme, determinando quantos e quais produtores e assistentes farão o quê e onde. É o responsável pelo encaminhamento do filme” (PALHEIROS, 2009, p. 57). Ele cuida do andamento de todos os outros setores e da solução de possíveis imprevistos. Algumas tarefas da Direção de Produção:

[...] Execução da logística e tática da produção, fazer o levantamento geral dos itens e seus custos de produção, fazer a decupagem técnica, fazer a decupagem de produção e equipe técnica e supervisionar sua execução, fazer o orçamento definitivo, providenciar as necessidades do set de filmagem, anotar os telefones de todos e tudo envolvido no processo de filmagem. (RODRIGUES, 2007, p. 112)

³ Em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0223-1.pdf>>. Acesso em: 7 de dezembro de 2012.

Durante a etapa de Produção são realizadas as gravações. É o momento da prática. Cada setor do filme é responsável por uma função. A fotografia cuida da luz, de acordo com os enquadramentos, e se esforça para cumprir a decupagem do Diretor. A elétrica e a maquinária auxiliam, principalmente, a fotografia. A produção controla o andamento das filmagens, cuida da estrutura e do set. A arte trabalha nos cenários e figurinos. O setor de som deve estar atento ao ambiente, a fim de perceber ruídos que possam interferir na captação de áudio. A soma de todos esses trabalhos resultará no produto audiovisual.

Amadores ou profissionais, absolutos iniciantes ou cineastas multipremiados, todos os componentes da turma (ou equipe) estão integrados num trabalho coletivo e têm um objetivo comum: fazer um bom filme. (GERBASE, 2012, p. 41)

Se os responsáveis pela Pré-Produção esquecerem-se de realizar alguma tarefa, o erro irá refletir no andamento da gravação. Este reflexo pode ser o atraso do cronograma, o surgimento de imprevistos ou a geração de estresse e desentendimento entre a equipe.

A etapa de Pós-Produção inicia quando as gravações são finalizadas. Neste momento ocorre a desprodução “Nesta fase a equipe já foi liberada, restando somente as pessoas necessárias para a devolução do material usado na filmagem” (RODRIGUES, 2007, p. 110). São feitos os fechamentos de contas de transporte, de alimentação, de lojas que disponibilizaram materiais através de faturamento, como: elétricas, ferragens e papelerias. As imagens são encaminhadas para o montador.

1.2. A equipe de produção

Na equipe de Direção de Produção há o Coordenador de Produção e seus Assistentes. Ambos assessoram o Diretor de Produção na organização da base/escritório, preparando, por exemplo, contratos, lista de contatos da equipe e lista de créditos. No escritório é feita a pesquisa de orçamento de serviços e de materiais solicitados pela equipe. Após a pesquisa, são feitos os contratos de serviço de transporte (para a equipe e para os equipamentos), de alimentação, de limpeza, de segurança e de hospedagem (quando necessário). “Os técnicos do grupo de produção são os responsáveis pela administração, logística, tática e dos custos da filmagem” (RODRIGUES, 2007, p. 76).

Nem todos os profissionais da equipe de produção ficam no set durante as gravações. O Coordenador e os Assistentes passam a maior parte do tempo dentro do escritório ou na rua resolvendo problemas. O Diretor de Produção é o único que intercala o seu ambiente de trabalho entre o escritório e o set. Ele faz o possível para cumprir o cronograma do filme e coordena o trabalho de outros produtores: o Produtor de Frente e Produtor de Set.

O Produtor de Frente precisa “[...] garantir locações, hospedagem e alimentação pra todo o mundo. Geralmente, esse produtor viaja com a equipe de arte, que adianta o processo para receber a turma da gravação” (GRAZINOLI)⁴. Enquanto a equipe estiver gravando em determinada locação, o Produtor de Frente estará preparando o próximo local, que pode ser dentro ou fora da cidade. Se for em outro município, o Diretor de Produção e o Produtor Executivo farão contato com hotéis e restaurantes, mas como o Produtor de Frente será um dos primeiros a utilizar esses locais ele mesmo dará início às aberturas de contas. Se uma locação, por exemplo, apresentar problemas hidráulicos, o Produtor de Frente entrará em contato com o Diretor de Produção para contratar um profissional que faça o serviço antes da chegada da equipe de gravação.

O Produtor de Set (também chamado de “platô” em algumas regiões do país) trabalha no momento da gravação, coordenando o andamento do set e dando suporte para todas as equipes. Este produtor deve ter conhecimento de tudo que acontece para poder ter o controle da situação. Saber onde estão todos os objetos necessários para o dia de trabalho, ter conhecimento dos materiais que estão faltando e que precisam ser comprados – como: cabos, plugues, tinta, fita crepe, papel higiênico, sabonete, água, etc. - são algumas das funções dele.

A falha de uma equipe pode prejudicar os outros setores e tornar a gravação turbulenta. Uma das funções do Produtor de Set é manter o clima harmonioso.

A “Ordem do Dia” - informativo sobre a diária de trabalho que contém as cenas que serão gravadas, horário de início e término, lista de atores e figurantes, entre outros - é encaminhada para cada profissional do filme e o Produtor de Set se esforça para que ela seja cumprida. Ele cuida da alimentação e do horário de intervalo. Caso o Diretor de Produção não esteja no set e ocorra um imprevisto, o Produtor de Set deve representá-lo e solucionar o problema de forma que faça com que o trabalho continue rendendo.

⁴ Em <<http://www.telabr.com.br/oficinas-virtuais/texto/37>>. Acesso em 10 de dezembro de 2012.

Cabe ao departamento de produção ter certeza de que cada membro da equipe, cada cenário, cada objeto de cena, cada equipamento, cada peça de vestuário está em seu devido lugar, a ser utilizado pelo diretor quando necessário em cada fase da produção, no contexto de prazos e orçamentos. (RODRIGUES, 2007, p. 68)

O Diretor de Produção não trabalha sozinho. Ele precisa e depende da sua equipe para produzir o filme. Os coordenadores, os assistentes, os produtores de frente, os produtores de set e os estagiários de produção executam funções importantes. “Todos erram e todos acertam juntos, todos ‘apanham’, todos trabalham muito, mas o Diretor de Produção precisa colocar a sua cara, fazer escolhas, tomar decisões” (PINGO, 2013, p. 37)⁵.

⁵ Anexo B: Entrevista com Wellington Pingo. As demais citações retiradas desta entrevista serão apresentadas da mesma forma.

2. O TRABALHO DO DIRETOR DE PRODUÇÃO: ORÇAMENTOS DISTINTOS

2.1. Baixo Orçamento: a produção do filme “Antes Que o Mundo Acabe”

O filme “Antes Que o Mundo Acabe” foi produzido pela Casa de Cinema de Porto Alegre no ano de 2007 e lançado em 2009. Gravado nas cidades de Osório, Porto Alegre, Riozinho, Rolante, Santo Antônio da Patrulha e Taquara, o filme conta a história de Daniel: um garoto de quinze anos que mora no interior do Rio Grande do Sul com sua mãe, padrasto e irmã mais nova e lida com as descobertas da idade. A namorada de Daniel, personagem Mim, tem dúvidas sobre continuar o relacionamento com ele ou iniciar um relacionamento com o Lucas, melhor amigo do Daniel, que é suspenso da escola por ser acusado de roubo. O pai biológico do protagonista resolve entrar em contato com ele através de cartas, depois de nunca ter mostrado interesse pelo garoto.

O roteiro foi baseado no livro homônimo de Marcelo Carneiro da Cunha e escrito por Ana Luiza Azevedo, Giba Assis Brasil, Jorge Furtado e Paulo Halm, com contribuição de Maria Clara Escobar.

A Diretora de Produção Nora Goulart e a Diretora Ana Luiza Azevedo, sócias há 25 anos, gostavam bastante da história e tinham vontade de produzir um filme para o público adolescente. “Eu e a Ana já trabalhamos muito juntas e isso é uma coisa que só facilita. Ela sabe como eu estou fazendo e eu sei como ela vai fazer” (GOULART, 2013, p. 31).

Foi o primeiro longa-metragem que a Ana Luiza Azevedo dirigiu, porém já havia dirigido trabalhos de outras vertentes do audiovisual como curtas-metragens, médias-metragens, séries e especiais para TV.

Inicialmente o filme foi orçado em 3 milhões. Nora Goulart fez a produção executiva, assim como na maioria dos trabalhos da Casa de Cinema. A etapa de Desenvolvimento durou três anos. Enquanto o roteiro estava sendo finalizado, o projeto do filme foi inscrito em concursos e editais a fim de que os recursos fossem captados. “Não é um filme que as pessoas acreditavam, diziam ‘esse é um filme infantil’ e nós ‘não, é um filme pra toda a família’” (GOULART, 2013, p. 27). Foi difícil captar o valor necessário para rodar o filme. Um dos motivos foi pelos atores não serem conhecidos do público. O orçamento foi pensado de forma

que as gravações ocorressem com folga, com calma, já que os atores eram jovens e não tinham experiência.

Quando conseguimos a metade do valor eu e a Ana sentamos e decidimos ‘vamos mudar isso aqui, vamos fazer um filme mais econômico’. A gente tinha bastante experiência em filmar no interior. [...] Então como não tínhamos o dinheiro que achávamos que poderíamos ter, eu comecei a fazer a Direção de Produção. (GOULART, 2013, p. 28)

Nora reuniu a equipe - que geralmente trabalha com a Casa de Cinema e que já estava sabendo da produção do filme - e explicou as mudanças que aconteceriam em função de trabalharem com um orçamento menor do que o previsto. Algumas das mudanças foram transferir a história para o interior do estado (no livro Daniel morava numa cidade grande) e diminuir o tempo de filmagem. A equipe topou fazer o projeto. “O filme foi feito com um milhão e quinhentos mil. A gente fez com muita garra e com muita vontade” (GOULART, 2013, p. 29). As principais locações deste longa-metragem de baixo orçamento seriam na cidade de Taquara e Nora já tinha feito contato com o hotel e conseguido apoio dos moradores da cidade.

A carestia chegou ao cinema brasileiro. Nunca antes na história desse país foi tão caro fazer um filme. Ficou nostálgico aquele período da retomada em que se faziam filmes com o chamado BO (Baixo Orçamento, quantias até R\$ 1 milhão). Filmes médios nacionais têm hoje um custo de produção em torno de R\$ 5 milhões. (MEDEIROS, 2013)⁶

A equipe da Casa de Cinema tinha experiência em filmar no interior: os filmes “Houve Uma Vez Dois Verões” (2002) e “Saneamento Básico” (2007), ambos dirigidos por Jorge Furtado, foram feitos em cidades pequenas. “São filmes que a gente se interna no interior e aí a cidade já acolhe a gente, o hotel fica mais barato, a comida já é mais barata, fica todo mundo concentrado, o transporte também fica mais econômico” (GOULART, 2013, p. 28).

A etapa de pré-produção durou um mês e meio. Antes da equipe entrar para o filme a Nora e a Ana foram algumas vezes a Taquara para acertar os detalhes com locações e com ajudantes da cidade e também para selecionarem o elenco local.

O escritório, chamado de “base”, da equipe de Direção de Produção foi montado em Taquara. A equipe do filme contou com quarenta profissionais, sendo que sete deles pertenciam à produção: o responsável e um estagiário da cidade que ficavam na base, o

⁶ Matéria do jornal *O Estado de São Paulo*. Em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,cinema-modesto-filme-milionario,990700,0.htm>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2013.

assistente de produção, o coordenador de produção, dois assistentes de set e a Nora Goulart que ficavam na filmagem.

Um bom Diretor de Produção é aquele que sabe dirigir a sua equipe. A gente sabe que quem bota o bloco na rua é a produção. O Diretor de Produção tem que ter um conhecimento profundo da história que ele está contando, da equipe que ele está contratando, do orçamento que ele tem pra gastar com essa equipe e com o filme. (GOULART, 2013, p. 32)

Foram usadas aproximadamente quinze locações entre as seis cidades onde o filme foi feito. As filmagens duraram quatro semanas e as imagens foram capturadas em formato 16mm.

Um dos desafios de “Antes Que o Mundo Acabe” foi representar a Tailândia. O produtor de locações, durante a etapa de pré-produção, encontrou um espaço na cidade de Riozinho, ao lado de Taquara, e lá foi montada uma cabana que serviria de cenário para um dos personagens. A criação do cenário foi baseada em fotos e filmes da Tailândia.

Quando nós mostramos o filme para um francês, diretor de uma TV francesa, ele ficou muito encantado com a Tailândia e nos perguntou quantas pessoas da equipe tinha ido à Tailândia. E ele conhecia a Tailândia. Nós falamos “Ah, pois é, nenhuma. Nossa Tailândia fica aqui, a 70km, filmamos do lado de Taquara”. (GOULART, 2013, p. 28)

A montagem do filme durou oito meses. O montador Giba Assis Brasil, também sócio da Casa de Cinema, trabalhou na ilha de edição que fica na própria produtora.

Os técnicos contratados para fazer o filme realizaram a gravação, receberam o pagamento e foram liberados, mas os sócios da produtora continuaram trabalhando durante os oito meses de montagem e durante a distribuição para Festivais, para as telas de cinema e para as lojas e locadoras. Eles são os que menos receberam, de acordo com o tempo trabalhado.

Através das vendas os sócios da Casa de Cinema conseguem recuperar o valor, pois como a produtora é deles o lucro do filme também passa a ser.

2.2. Alto Orçamento: a produção do filme “O Tempo e o Vento”

O filme “O Tempo e o Vento” foi produzido pela produtora paulista Nexus Cinema e Vídeo e coproduzido pelas produtoras Panda Filmes e Globo Filmes. A Nexus foi a produtora

majoritária do projeto. A Panda Filmes entrou como coprodutora gaúcha, já que as gravações seriam feitas no Rio Grande do Sul e isso facilitaria as negociações no estado. Além de ser lançado nos cinemas, “O Tempo e o Vento” será exibido na TV em formato de microssérie, através de quatro capítulos, no canal da Rede Globo.

O filme foi feito em formato digital. As gravações aconteceram em 2012 no interior do Rio Grande do Sul e tiveram como cenários principais as cidades de Bagé e Pelotas – locais em que a equipe permaneceu a maior parte do tempo. As demais cidades utilizadas ficavam próximas a Bagé e Pelotas, então a equipe deslocava-se diariamente sem que houvesse necessidade de usufruir de hospedagens locais.

O roteiro foi baseado no livro “O Continente” de Érico Veríssimo, que faz parte da trilogia “O Tempo e o Vento”. Escrito por Letícia Wierzchowski e Tabajara Ruas, a história é considerada uma adaptação livre da obra do escritor gaúcho Érico Veríssimo. O filme apresenta a história da família Terra Cambará e de sua rival, a família Amaral. A história se passa durante cento e cinquenta anos e na maior parte do tempo permanece no século XIX. O romance de Bibiana e Capitão Rodrigo é apresentado em meio às batalhas que fizeram parte da história do Rio Grande do sul.

O Diretor de Produção Wellington Pingo e o Diretor Jayme Monjardim já haviam trabalhado juntos uma vez, há muitos anos, num vídeo de publicidade. Pingo admira o trabalho de Monjardim: “Ele tem o filme na cabeça, chega no set sabendo exatamente o que quer. Isso facilita muito o dia a dia de todos. Sem contar que é uma pessoa que tem muito carisma e carinho de todos e por todos” (2013, p. 36).

Pingo é paulista, trabalha com Cinema há 26 anos e sempre desejou fazer mais trabalhos no Rio Grande do Sul. “Fazer um longa-metragem no Rio Grande do Sul era um desejo que existia dentro de mim há algum tempo, acho o estado um dos mais belos do nosso país, com locações cinematográficas incríveis” (PINGO, 2013, p. 34).

O orçamento inicial do filme foi acima de dez milhões. Wellington Pingo e sua equipe de produção chegaram em Bagé seis semanas antes das gravações iniciarem. A cidade cenográfica já estava sendo construída.

Garanto que é um tempo curto para uma produção deste tamanho. [...] Tivemos que trabalhar com uma carga horária um pouco maior e inclusive nas folgas para podermos pegar pé de tudo que estava acontecendo e fazer

um desenho de produção dentro do que acreditávamos que seria executável. (PINGO, 2013, p. 34)

Pingo montou um cronograma com doze semanas de filmagem: primeiro gravariam em Pelotas, depois em Bagé e região e depois em Paulínia/SP. Enquanto a equipe estava gravando em Bagé (segunda fase) ocorreu um imprevisto: o apoio do Polo de Cinema de Paulínia ficou incerto, então a Produtora Executiva Rita Buzzar preferiu que a equipe não se descolasse até lá e continuasse gravando no Rio Grande do Sul. “Isso nos trouxe um novo redimensionamento nas filmagens e roteiro, com isso o filme ficou em quase dez semanas de filmagem sendo todas no RS” (PINGO, 2013, p. 35). Na terceira fase de gravações a equipe retornou para Pelotas e o trabalho total foi concluído com duas semanas a menos do que o cronograma inicial.

Durante as gravações o filme foi divulgado em matérias de jornais impressos e da TV, de diferentes regiões do Brasil, e em redes sociais. O elenco de atores famosos, através de novelas, e experientes como Fernanda Montenegro, Thiago Lacerda, Marjorie Estiano, Cléo Pires e Suzana Pires contribuiu para despertar curiosidade no público.

Muitos profissionais e atores moravam em outros estados do país. Isso fez com que a equipe de Direção de Produção, durante a logística, fizesse agendamentos e compras de passagens de transportes aéreo e terrestre. Alguns técnicos de produção e de arte eram de Porto Alegre. Muitos moradores de Bagé e de Pelotas colaboraram com a produção do filme.

Os moradores e profissionais destas cidades que trabalharam no filme foram de grande relevância para o êxito do trabalho. Contratamos muitas pessoas do estado. De Bagé e Pelotas havia algumas que estavam no meu departamento de produção. A maioria ainda não tinha tido experiência com um projeto deste tamanho, mas a vontade e determinação de todos foi um dos pontos altos. (PINGO, 2013, p. 34)

Além das despesas com transporte, hotel e alimentação de atores e equipe, outros gastos elevados foram os do setor de Arte. Representar ambientes de outro século, alugar móveis, alugar objetos e confeccionar roupas requer um custo de produção.

A equipe que ficava no set durante as gravações chegava a possuir de 100 a 140 profissionais. Além destes, havia cerca de 100 cenotécnicos, pedreiros e pintores construindo as dezessete edificações da cidade cenográfica. Aproximadamente vinte profissionais pertenciam à equipe de produção: “eu, a coordenadora, dois assistentes, um produtor de

transportes, três produtores de frente, três produtores de set, estagiários de Bagé e de Pelotas, o coprodutor executivo e os assistentes da Rita Buzzar em São Paulo” (PINGO, 2013, p. 35).

Durante a permanência em Pelotas, a equipe de Direção de Produção montou um escritório no centro da cidade. Foram usados dois hotéis para hospedar a equipe. Depois de duas semanas gravando, o pessoal se deslocou para Bagé, onde foram usados todos os hotéis da cidade. Eram muitos profissionais no set e os hotéis de Bagé eram menores. Em algumas diárias de gravação foi servido almoço para 450 pessoas: equipe, elenco e figuração. Foram usadas mais de trinta locações entre as duas principais cidades e regiões do interior do estado.

Pingo e sua equipe fizeram um “desenho de produção” para que fosse possível tomar conta de tudo que estava acontecendo, em todas as cidades. A logística de produção foi trabalhosa. “Tínhamos uma filmagem em andamento, uma desprodução dos dias filmados, uma frente sendo preparada para os próximos dias de filmagem, uma grande cidade cenográfica a pleno vapor, a base de produção em Bagé e SP” (PINGO, 2013, p. 36).

O orçamento inicial não estava fechado, portanto os produtores executivos continuaram captando recursos durante as etapas de pré-produção, produção e pós-produção. Isso fez com que o valor total aumentasse em quase quatro milhões, passando para aproximadamente quatorze milhões de reais.

No último mês de trabalho a equipe de Direção de Produção (coordenador, assistentes e produtor de transportes) foi trocada. Glauco Urbim, produtor gaúcho, assumiu o cargo juntamente com uma equipe escolhida por ele. A equipe de Wellington Pingo foi a que permaneceu por mais tempo no filme. O “O Tempo e o Vento” está em fase de pós-produção será lançado em 2013 nos cinemas.

3. O ORÇAMENTO

3.1. Análise sobre os imprevistos do filme e a criatividade do produtor

Proatividade e capacidade de lidar com imprevistos são características importantes para os realizadores cinematográficos. Os produtores devem pensar no coletivo, ter domínio de todo o processo, ser organizados e manter o grupo informado sobre os acontecimentos. Um produtor deve ter “capacidade de negociação, sensibilidade artística, bom relacionamento e comunicação, trânsito no mercado financeiro e bom tino comercial” (MARQUES, 2007, p. 61).

A sensibilidade artística é necessária, principalmente, em casos de imprevisto. Se houver pouco dinheiro para o setor de Arte criar os cenários, preparar os figurinos e alugar objetos de cena, o produtor terá que pensar numa alternativa econômica, mas que não prejudique a estética do filme. “Em cinema exige-se da equipe de produção um elevado senso artístico, contribuindo com sugestões e soluções de problemas em que esse sentido é extremamente necessário” (RODRIGUES, 2007, p. 76).

O produtor precisa entender sobre o funcionamento de todos os setores, porque assim entenderá melhor as necessidades dos outros profissionais.

A equipe de “Antes Que o Mundo Acabe” precisava criar o cenário de um outro país. A Tailândia foi criada na cidade de Riozinho. A pesquisa de locação com referência em fotos e vídeos, agregada à união que as equipes de produção e de arte tiveram para montar este cenário, demonstram que é possível transpor a história do roteiro em imagens sem que se gaste uma fortuna para deslocar parte da equipe, dos equipamentos e dos atores à Tailândia. “Foi um desafio grande nesse filme. Achar a cor da Tailândia, a pedra, a palha, a madeira. [...] Isso te instiga a criar. ‘Vamos inventar’, ‘vamos resolver’, ‘vamos fazer esse filme’” (GOULART, 2013, p. 33).

Numa das cenas o ator principal precisava passar de bicicleta entre um rebanho de ovelhas. Para Nora esta foi a cena mais chata de se fazer. Outro aspecto difícil de controlar foi a previsão do tempo na Serra gaúcha e a reação dos profissionais em relação a isso. No meio da diária o tempo nublava e o Diretor de Fotografia não aceitava continuar, porque estragaria a fotografia dele. “[...] É todo mundo no ‘meu’, ‘a minha direção de arte’, ‘a minha foto’, ‘os

meus egos enormes’ e a gente vai administrando. Isso também é uma ciência. Saber administrar os talentos” (GOULART, 2013, p. 31).

Uma das locações de “O Tempo e o Vento” foi uma fazenda localizada na cidade de Bagé. Por causa de chuvas o trajeto até lá ficou intransitável. Foi necessário conseguir carros com tração 4x4 para deslocar toda a equipe do set para o hotel.

Em função deste mesmo problema tivemos que antecipar uma folga para que desse tempo do solo secar um pouco. De qualquer maneira tivemos que mudar com trator o acesso, fazendo uma “nova” estrada para acesso ao set. O antigo caminho precisou de uma semana sem chuva para voltar ao normal. (PINGO, 2013, p. 36)

A chuva não atrasou o cronograma do filme, mas fez com que a produção tivesse gastos não-planejados. Se o orçamento disponível fosse baixo, o Diretor de Produção poderia não ter conseguido resolver o problema de acesso à locação.

Durante as gravações a equipe soube que Paulínia não seria mais um de seus investidores. Os Produtores Executivos saíram em busca de novos patrocinadores, pois estavam contando com os recursos que viriam de lá.

A pesquisadora de cinema Aída Marques cita a “sensibilidade artística” como uma das qualidades essenciais para um produtor. Partindo do pressuposto de que quando há menor quantidade de orçamento para produzir, o produtor precisa encontrar meios criativos para contar determinada história sem que ela perca sua essência, foi questionado aos produtores Nora Goulart e Wellington Pingo se o orçamento interfere na capacidade de criação.

Eu acho que um desafio no filme é sempre bom. Seja ele por dinheiro, seja ele por criação, seja por fazer as pessoas trabalharem, fazer com que os atores se encantem por aquela história. O orçamento é um limitador. Isso pode ser divertido. (GOULART, 2013, p. 33)

Não conseguir captar o dinheiro que se supõe ser necessário para gravar um filme faz com que a equipe tenha que encontrar maneiras baratas para colocar as gravações em prática. Em “Antes Que o Mundo Acabe” a Diretora de Produção diminuiu o cronograma de filmagem e, conversando com a Diretora, resolveu que a melhor alternativa seria gravar no interior, onde os gastos são mais baratos do numa capital.

O Diretor de Produção precisa ter como uma de suas principais características a inteligência. Não diria a acadêmica específica, mas você precisa estar sempre pensando para fazer e ajudar todos a fazerem a escolha certa, mas muitas vezes a experiência é quem te ajuda nestas decisões. Ter trabalhado

em produções de orçamento pequeno, médio e grande é muito importante neste processo, mas cada filme é um filme e você precisa estar sempre se inventando e atento a cada detalhe, a cada problema que pode ser evitado, porque estas coisas custam dinheiro e tempo e na maioria das vezes você não tem nem um nem outro. (PINGO, 2013, p. 37)

Para Pingo o essencial são os aprendizados adquiridos com os anos de trabalho. Tendo experiência no ramo da produção cinematográfica – em diferentes valores de orçamento - é possível lidar melhor com os imprevistos, estar mais atento e entender as necessidades da equipe. O conhecimento adquirido durante a carreira é importante, pois faz com que o produtor já tome decisões tentando evitar possíveis problemas.

3.1. Análise sobre a organização do produtor e sua dedicação à etapa de pré-produção

“Antes Que o Mundo Acabe” não apresentou muitos imprevistos durante as filmagens, porque a equipe se preparou bastante. “Todo mundo tem que comer, todo mundo tem que dormir, todo mundo tem que ser transportado, todo mundo tem que figurinar, maquiar, cada um tem a sua necessidade [...] então se tu não tiver bem organizado na pré-produção, dá errado” (GOULART, 2013, p. 29).

O uso do orçamento precisa ser bem pensando e bem administrado para que dure durante todo o trabalho.

Eu nunca estourei um orçamento na minha carreira. Eu sou muito controlada e a gente só trabalha dentro dos orçamentos. [...] Tu tem que fazer o teu filme dentro daquele custo. [...] A gente tem que ter noção disso e saber qual é o valor que tem pra desenvolver, pra pré-produzir, pra filmar e pra finalizar. Tu tem que ser coerente com isso. (GOULART, 2013, p. 31)

É notável que a utilização dos recursos foi bem aplicada neste projeto. Um milhão e meio não é muito dinheiro para se produzir um longa-metragem. Os gastos com transporte, hospedagem e alimentação são sempre caros e há o gasto principal que é com o cachê da equipe.

Segundo Nora Goulart “tem uma coisa que é fundamental: se tu tem uma equipe boa, que se conhece, tu tem tudo na mão” (2013, p. 32). Profissionais competentes e integrados com os demais integrantes da equipe acarretam benefícios para a produção do filme. Todos farão suas tarefas e por conhecerem o modo de trabalho dos outros colegas terão mais facilidade de diálogo. Um exemplo disso é a relação que a Nora tem com a Ana Luiza

Azevedo, diretora do filme. Por trabalharem juntas há anos, elas conhecem o modo de trabalho uma da outra e usam isso para economizar tempo. Se conhecem tão bem que são capazes de saber a forma como a outra irá lidar com as situações.

Nora trabalha há 25 anos com produção de Cinema e salienta “Eu tenho muita experiência nisso e posso dizer, assim tranquilamente, que se tu consegues fazer uma boa pré-produção, o resto dá tudo certo” (2013, p. 29). O Diretor de Produção precisa se dedicar a esta etapa para que ele saiba de que forma dará continuidade ao seu trabalho em cada situação que surgir no filme. Ele precisa evitar o surgimento de imprevistos causados pela falta de preparo.

A forma de administração utilizada pelo Diretor de Produção vai depender do orçamento disponível para o filme. Quando o valor é menor do que o esperado, o produtor poderá, de acordo com as necessidades, concentrar as datas de gravação num período pequeno de tempo, mas para isto os atores precisam estar bem ensaiados e os profissionais dispostos a se esforçar para cumprir com o cronograma. É função do Diretor de Produção esclarecer para o resto da equipe a quantidade de recursos que eles poderão gastar em cada setor. O valor destinado para aluguéis de equipamento e de objetos e para a construção dos cenários deve ser respeitado. E ainda assim uma parte do orçamento precisa ser guardada para imprevistos e emergências.

“O orçamento interfere 100% na administração do filme” (GOULART, 2013, p. 31). É a partir do valor captado que o Diretor de Produção irá se organizar: terá que contratar a equipe, pensar em quanto poderá ser gasto com equipamentos de filmagem, com transporte, com alimentação e com hospedagem, se informar sobre a quantia que o setor de Arte irá precisar para trabalhar, fazer o levantamento dos valores de aluguel de locação e montar um cronograma adequado às necessidades do filme.

Para Pingo “um bom desenho de produção e o plano de filmagem [...] bem planejados são a base para fazer com que as diárias de filmagens se tornem mais ‘tranquilas’” (2013, p. 36).

Em “O Tempo e o Vento” o Diretor de Produção teve que se organizar para administrar dez milhões de reais. Por ser um filme que representa outra época, os gastos com a Arte foram altos. Foi preciso contratar equipes grandes para cada setor e consequentemente os gastos com transporte, alimentação e hospedagem foram maiores do que os da produção de “Antes Que o

Mundo Acabe”. Pingo iniciou administrando dez milhões e depois passou para quatorze, usou seis semanas de pré-produção e dez semanas de gravação. Ajudou a contar uma história do século XIX, em sua maior parte, e que a passagem de tempo do roteiro dura 150 anos. Em sua equipe de produção ele pôde trabalhar com cerca de vinte pessoas.

A Diretora de Produção de “Antes Que o Mundo Acabe” utilizou 1,5 milhões, seis semanas de pré-produção, quatro semanas de gravação e oito meses de pós-produção. Ajudou a contar uma história que se passava nos tempos atuais e em sua equipe de produção pôde trabalhar com mais seis pessoas. “O orçamento é praticamente uma bíblia e tu vais seguindo” (GOULART, 2013, p. 31).

Independentemente do valor disponível e da grandiosidade do projeto, um Diretor de Produção ficará envolvido na administração do longa-metragem por alguns meses.

Pingo (2013) afirma que o envolvimento que o Diretor de Produção precisa ter com o projeto não pode ser medido pelo valor do orçamento captado. Independente dos recursos disponíveis, a dedicação dada aos trabalhos deve ser a mesma.

CONCLUSÃO

No ramo cinematográfico o Diretor de Produção é o responsável por gerenciar o andamento das gravações. Durante a etapa de pré-produção ele monta a logística, ou “desenho de produção”, de acordo com o orçamento disponível.

Através de revisão bibliográfica dos autores Aída Marques - “Ideias em Movimento” - e Chris Rodrigues - “O Cinema e a Produção” - somada à análise da coleta de dados sobre o trabalho dos Diretores de Produção dos filmes “Antes Que o Mundo Acabe” e “O Tempo e o Vento”, Nora Goulart e Wellington Pingo respectivamente, pôde-se apresentar as funções de uma equipe de produção durante a realização de um longa-metragem e a importância do Diretor de Produção para a organização e administração do projeto

Nora Goulart foi Diretora de Produção do filme “Antes Que o Mundo Acabe” em 2007. As filmagens foram feitas em seis cidades do Rio Grande do Sul e as imagens capturadas em formato 16mm. Inicialmente o filme foi orçado em três milhões, mas como não foi possível captar o valor integral, e sim metade, Nora reestruturou o cronograma diminuindo o tempo de gravação e transferindo as filmagens para o interior do estado, onde o filme se tornaria mais econômico. Quarenta profissionais trabalharam com Nora para contar uma história que se passava nos dias atuais. “Antes Que o Mundo Acabe” foi feito com um milhão e meio de reais.

Wellington Pingo foi Diretor de Produção de “O Tempo e o Vento” em 2012. Este filme também foi gravado em cidades do interior gaúcho, mas o formato de captura de imagens foi digital. Pingo iniciou administrando mais de dez milhões de reais, mas o orçamento continuou sendo captado durante as gravações e atingiu cerca de quatorze milhões, quantia nove vezes maior do que a do filme de Nora Goulart. Cerca de 120 profissionais trabalharam para contar uma história que se passava, na maior parte do tempo, no século XIX.

Ambos os Diretores de Produção utilizaram seis semanas na etapa de pré-produção. Nora e Pingo valorizam esta etapa e demonstraram que suas experiências profissionais contribuem para a prevenção e solução de imprevistos. Nora precisou construir a Tailândia no Rio Grande do Sul, porque não possuía orçamento para enviar parte da equipe ao país. Para não atrasar o cronograma, Pingo precisou construir uma nova estrada de acesso a uma fazenda

onde o filme estava sendo gravado. A estrada original ficou intransitável devido a intensas chuvas na cidade de Bagé.

As soluções apresentadas por Nora Goulart e por Wellington Pingo tiveram gastos de orçamento, mas o fato de um não precisar deslocar uma equipe de filmagem para outro país e do outro não perder uma semana de gravação devido ao mau tempo, demonstrou que a criatividade dos Diretores de Produção foi benéfica aos projetos, por serem mais econômicas do que os empecilhos que seriam causados.

“Antes Que o Mundo Acabe” foi filmado durante quatro semanas em aproximadamente quinze locações. “O Tempo e o Vento” foi gravado durante dez semanas em mais de trinta locações. Nora optou por trabalhar com seis profissionais em sua equipe de produção e Pingo com cerca de vinte.

Segundo a Agência Nacional de Cinema, ANCINE, os custos para se fazer um filme elevaram. A média das produções brasileiras passou a ser cinco milhões de reais⁷. Nora Goulart trabalhou com orçamento três vezes menor do que este e com uma boa administração dos recursos e criatividade para resolver imprevistos e para procurar soluções econômicas, mostrou que é possível realizar um filme de baixo orçamento quando a pré-produção é bem trabalhada. Pingo trabalhou com o triplo do valor da média dos filmes brasileiros e demonstrou que independente do valor do orçamento, o Diretor de Produção precisa se esforçar para fazer escolhas certas e economizar.

O valor do orçamento interfere na organização do trabalho do Diretor de Produção. Através deste valor é que ele terá condições de montar o cronograma de gravações e de escolher a melhor maneira para administrar o filme. É preciso pensar na quantidade de profissionais que farão parte do projeto - com base no orçamento disponível para contratação - para que se defina o tempo de trabalho que será preciso para executá-lo.

O envolvimento do Diretor de Produção com o filme não pode depender da grandiosidade ou do orçamento do projeto. Os profissionais precisam ser comprometidos com o trabalho que se propuseram a realizar.

⁷ Citado na matéria do jornal *O Estado de São Paulo*. Em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,cinema-modesto-filme-milionario,990700,0.htm>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2013

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. Em: <<http://www.abnt.org.br>> Acesso em: 20 de novembro de 2012

Antes Que o Mundo Acabe (Brasil, 2009) Diretora: Ana Luiza Azevedo.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário Teórico e Crítico de Cinema*. São Paulo: Papirus, 2006.

BALLERINI, Frantjesco. *Cinema Brasileiro no Século 21*. São Paulo: Summus, 2012.

Casa de Cinema de Porto Alegre. Em: <<http://www.casacinepoa.com.br/antes-que-o-mundo-acabe>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2012.

COLUSSO, Larissa. O Produtor e o Processo de Produção de Filmes no Brasil. *Intercom*. Blumenau, maio de 2009. Em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0223-1.pdf>>. Acesso em: 7 de dezembro de 2012.

Filmes Brasileiros com Mais de 500.000 Espectadores. *Ancine*. Em: <<http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2105.pdf>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2013.

Filmes Nacionais de 500 mil Até um Milhão de Espectadores (1970/2008) por Público. *Ancine*. Em: <http://www.ancine.gov.br/media/SAM/2008/filmes/por_publico_entre_500.pdf>. Acesso em: 16 de janeiro de 2013.

Formatação nas Normas da ABNT. Em: <<http://formatacaoabnt.blogspot.com.br>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2013.

GERBASE, Carlos. *Cinema Primeiro Filme: descobrindo, fazendo, pensando*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012.

GIANNASI, Ana Maria. *O produtor e o processo de produção dos filmes de longa metragem brasileiros*. São Paulo, 2007. Em: <http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/bdt/2007/2007-me-giannasi_ana.pdf>. Acesso em: 14 de dezembro de 2012.

GIL, Antonio Carlos. *Estudo de Caso*. São Paulo: Atlas, 2009.

Globo Filmes. Em: <<http://globofilmes.globo.com>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2013.

GRAZINOLI, Henry. Sem Diretor De Produção Não Há Solução. *Tela Brasil*. Em <<http://www.telabr.com.br/oficinas-virtuais/texto/37>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2012.

Houve Uma Vez Dois Verões (Brasil, 2002) Diretor: Jorge Furtado.

LUMET, Sidney. *Fazendo Filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARCHIORI, Marlene (org). *Comunicação e Organização: reflexões, processos e práticas*. São Paulo: Difusão, 2010.

MARQUES, Aída. *Ideias em Movimento*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MATHIAS-PEREIRA, José. *Manual de Metodológica de Pesquisa Científica*. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

MEDEIROS, Jotabê. Filmes Alcançaram Orçamentos Recordes. *Estadão*, São Paulo, 30 de jan. de 2013. Em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,cinema-modesto-filme-milionario,990700,0.htm>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2013.

NAGIB, Lúcia. *O Cinema da Retomada*. São Paulo: Editora 34, 2002.

Nexus Cinema e Vídeo. Em: <<http://www.nexuscinema.com.br/otempoeovento>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2012.

O Tempo e o Vento. Em: <<http://www.otempoeoventoofilme.com>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2012.

O Tempo e o Vento (Brasil, 2013) Diretor: Jayme Monjardim.

PALHEIROS, Renata. *A Produção Cinematográfica: seu processo de execução*. São Paulo: Clube dos Autores, 2009.

Panda Filmes. Em: <<http://www.pandafilmes.com.br>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2013.

Plano de Diretrizes e Metas Para o Audiovisual. *Ancine*. Em: <<http://www.ancine.gov.br/sites/default/files/consultas-publicas/PDM%20-FINAL.pdf>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2012.

RODRIGUES, Chris. *O Cinema e a Produção*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

Saneamento Básico (Brasil, 2007) Diretor: Jorge Furtado.

SELONK, Aletéia. *O imaginário do produtor cinematográfico do tipo comunicativo: um estudo do espaço audiovisual no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação da Faculdade de Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=660>. Acesso em: 14 de dezembro de 2012.

ANEXOS

ANEXO A

Entrevista realizada pela acadêmica Natália Meggiato Cabral do curso de Cinema e Animação da Universidade Federal de Pelotas, que será utilizada em seu artigo de conclusão de curso.

24 de janeiro de 2013 na produtora Casa de Cinema de Porto Alegre.

Diretora de Produção: Nora Goulart

Filme: “Antes que o mundo acabe” (gravado em 2007)

Como foi o trabalho no filme?

O “Antes que o mundo acabe” foi o primeiro projeto de longa-metragem da Ana Luiza Azevedo, que é minha sócia há 25 anos. Ela já tinha feito vários curtas e nós aqui da Casa de Cinema já tínhamos produzido 7 ou 8 longas antes do “Antes que o mundo acabe”. É um filme que eu sempre gostei muito. Eu queria muito falar com essa faixa-etária. Nossa experiência anterior tinha sido o filme “Houve uma vez dois verões” com direção do Jorge Furtado, que é um filme muito bom, muito gostoso de fazer e muito bom para trabalhar nas escolas, com essa faixa-etária de adolescentes, que é um público que tem uma carência do cinema brasileiro, agora um pouco melhor, mas na época a gente pensava que era um público que só via o cinema americano, os blockbusters, então a gente tinha que fazer uma coisa que acreditássemos que fosse a identidade brasileira. Tinha o livro do Marcelo Carneiro da Cunha, um autor do Rio Grande do Sul, que é uma história que eu e a Ana gostávamos muito. Em algumas escolas o livro foi adotado como leitura obrigatória. Nós mudamos algumas coisas da história e uma delas foi fazer o filme no interior. Nós ficamos 3 anos roteirizando, tratando o roteiro e enquanto isso entrando em concursos e editais buscando dinheiro pra fazer esse filme. Não é um filme que as pessoas acreditavam, diziam “esse é um filme infantil” e nós “não, é um filme pra toda a família”. Os filmes que conseguem dinheiro mais facilmente no Brasil são as comédias, são os filmes que tem os atores da televisão e que não era o caso do “Antes que o mundo acabe”. A gente ia fazer com atores novos, que comessem conosco, que tivessem um trabalho de atuação organizado pela gente. Nós chamamos uma atriz muito amiga e conhecida nossa, que já trabalhou conosco várias vezes, a Mirna Spritzer, pra trabalhar com essas crianças. Então é um projeto que eu vi nascer e sempre gostei muito. Na maioria dos filmes eu faço a Produção Executiva, e não a Direção de Produção, mas como a gente tinha orçado esse filme em 3 milhões pra fazermos com folga, com bastante tempo pra filmar, pois não tínhamos atores experientes e nem poderíamos, pela idade que eles tem, pelo lugar que vivem. Os atores são mais experientes quando eles tem uma televisão ou um cinema mais pungente, que não é o caso do Rio Grande do Sul. Nossos produtos de televisão são bem

limitados, apesar da RBS ter essa força grande com diretores e atores daqui, com os programas de “Histórias Curtas” e tal. A gente não tem a quantidade de produção que o centro do país tem. Muito mais o Rio de Janeiro, por causa da TV Globo. Então quando íamos buscar o dinheiro perguntavam “quem são os atores?”, dizíamos “são atores jovens” e etc. Quando conseguimos a metade do valor eu e a Ana sentamos e decidimos “vamos mudar isso aqui, vamos fazer um filme mais econômico”. A gente tinha bastante experiência de filmar no interior. Tínhamos feito “Houve uma vez dois verões”, tínhamos feito série com a Globo, tínhamos feito o “Saneamento Básico”, que são filmes que a gente se interna no interior e aí a cidade já acolhe a gente, o hotel fica mais barato, a comida já é mais barata, fica todo mundo concentrado, o transporte também fica mais econômico. A gente começou a procurar lugares que a gente também pudesse filmar a Tailândia, tínhamos essa questão. Isso é um fato bem interessante, pois quando nós mostramos o filme pra um francês, diretor de uma TV francesa, ele ficou muito encantado com a Tailândia e nos perguntou quantas pessoas da equipe tinham ido à Tailândia, e ele conhecia a Tailândia, nós falamos “Ah, pois é, nenhuma. Nossa Tailândia fica aqui, a 70km, filmamos do lado de Taquara”. Quando eu comecei a produzir com a Ana a gente pensou tudo isso “temos que achar um lugar” e a gente achou esse lugar Riozinho, com todas as referências. Nós também não fomos a Tailândia, mas tínhamos muitos fotos e filmes. Começamos a procurar aquela paisagem no Rio Grande do Sul e achamos, no caso um produtor de locações que trabalhou conosco. Ele começou a viajar pelo estado, num perímetro perto de Porto Alegre, numa cidade pequena, porque não queríamos filmar num centro maior em função de várias coisas, até pela própria história e descobrimos ali. Então como não tínhamos o dinheiro que achávamos que poderíamos ter, eu comecei a fazer a Direção de Produção. Íamos para o lugar, conversávamos com as pessoas da comunidade. Ao mesmo tempo, se tu fores dar uma olhada nos outros projetos da Casa de Cinema, a gente trabalha basicamente sempre com a mesma equipe: a Figurinista, o Diretor de Arte, o Diretor de Fotografia, a equipe de Produção, os Eletricistas. Aí eu chamei todo mundo e falei “Gente, é o seguinte: eu tenho um filme aqui pra fazer, vocês sabem, e temos a metade da grana. Vocês topam fazer com a gente? É um filme que eu acho que vale a pena, vai ser bacana, é um filme curto de filmagem. Então vocês topam? Tão a fim? Vamos ficar quatro semanas em Taquara, a gente já tá lá ‘bonitinhos’, já tem o hotel, já tem o Prefeito que vai ajudar, já temos as pessoas da cidade”. A gente chamou umas pessoas da cidade pra construírem aquela cabana da Tailândia. Riozinho é do lado de Taquara. E como a gente trabalha há muitos anos, a mesma equipe, todo mundo topou “vambora, vamos fazer”. E o elenco a mesma coisa. Os atores mirins – como a gente chamava - seria uma experiência bacana eles fazerem um longa com a Ana, que é uma diretora super cuidadosa com o trabalho dela, delicada. E os atores mais velhos daqui, dois atores vieram de fora. Um deles é o Edu, que é do Grupo Galpão, um grupo de teatro de Minas. É um grupo incrível, a gente sempre “namorou” com eles pra tentar fazer alguma coisa juntos e conseguimos. E o outro é o Murilo, que faz o pai do protagonista, um ator de teatro, de cinema, sempre gostamos do trabalho dele. Não é um ator de TV com aquele cachê gigantesco. Enfim, aí pensamos na estrutura, como queríamos filmar, quantos dias precisaríamos para filmar. Convencemos os pais dos meninos a terem aula, virem para fazer as provas, que a gente ia deixar duas horas do dia deles só pra estudar. É complicado tirar pessoas na idade escolar, da escola. Aí fomos conversar com as professoras. São muitos

os detalhes pra gente chegar num lugar com uma equipe de 40 pessoas, todo mundo dentro de um hotel.

Quantas pessoas possuía a equipe? E a equipe de produção?

A equipe possuía 40 pessoas. Na produção era uma pessoa na “base”, que a gente chama. A gente monta um escritório. Nesse hotel que estávamos nós tínhamos uma sala que era a base da produção. Ali ficavam duas pessoas: a pessoa que era responsável e um estagiário, que era da cidade. A gente pegou uma pessoa da cidade. E depois na filmagem nós tínhamos o Glauco (assistente de produção), o Beto Picasso (coordenador de produção), eu e mais dois assistentes do set.

Qual o orçamento do filme? Não chegaram a 2 milhões?

Não, o filme foi feito com um milhão e quinhentos mil. A gente fez com muita garra e com muita vontade.

Quanto tempo durou a pré-produção, a produção e a pós-produção?

Ficamos 3 anos no desenvolvimento, preparando o roteiro e captando recursos. A pré-produção efetivamente, a preparação pra filmagem durou um mês e meio. Sendo que antes da equipe entrar eu e a Ana ficávamos indo direto a Taquara, que é aqui do lado, pra conversar com as pessoas. Aí como tinham vários figurantes na festa, na escola e tal, a gente conheceu, já conhecíamos na verdade, mas a gente se uniu a uma atriz de lá que dá aula na Faccat, que é uma faculdade de Taquara, ela é da área de Artes, aula de teatro, então ela começou a trabalhar com os alunos. A menininha do filme, a personagem Maria Clara, é de Taquara. A gente descobriu aquela menininha lá. De pré-produção efetivamente a gente teve um mês e meio, mas a gente começou a trabalhar um pouco antes pra descobrir o elenco local. As gravações duraram quatro semanas. Nós filmamos em Taquara, Riozinho, Santo Antônio da Patrulha, Rolante, Osório e Porto Alegre. A escola era em Santo Antônio da Patrulha, que era uma escola maior. Lá em Santo Antônio foram todos muito queridos conosco, nos facilitaram muito. Todas as coisas que envolvem, tu andou um pouco por isso e sabe que todo mundo tem que comer, todo mundo tem que dormir, todo mundo tem que ser transportado, todo mundo tem que figurinar, maquiar, cada um tem a sua necessidade. Tem todos aqueles egos “eu preciso de tal coisa”, “eu quero”, “tem que ser agora”, então se tu não tiver bem organizado na pré-produção dá errado. Se tu tiver muito bem organizada, tu tem uma chance boa de dar tudo certo. Nos nossos projetos, da Casa de Cinema, eu valorizo muito a pré-produção. Eu tenho muita experiência nisso e posso dizer, assim tranquilamente, que se tu consegues fazer uma boa pré-produção, o resto dá tudo certo. Aí a coisa só anda. Na pós-produção a gente ficou bastante tempo, porque o Giba Assis Brasil, que é o nosso sócio e montador, também meu sócio há 25 anos, é um montador muito preciosista nos detalhes. A montagem dele tu não

sente na verdade, tu não vê assim “Ai, cortou”. O filme vai embora. Tu não leva um susto assim “Ai, mudou? Não era isso, o que tá acontecendo?”. A gente tinha que ter muito cuidado também, porque os meninos são ótimos atores, mas a montagem ajuda muito no sentido de dar um *time* na interpretação deles né. Tinham cenas difíceis, cenas de rivalidade, de triângulo amoroso, de briga, de bebedeira. É um universo que eles conhecem super bem, os adolescentes dessa idade. Eles brigam, eles vão tomar o primeiro porre, eles dirigem, mas na hora que tá filmando é outra coisa. O Giba ficou montando esse filme uns oito meses. Como foi aqui dentro e a ilha é nossa a gente tem esse custo, mas não tem. Como é um filme nosso, é um patrimônio nosso da Casa de Cinema, a gente investe no nosso trabalho. Quem menos recebe na verdade somos nós pelo tempo de trabalho que a gente fica envolvido. Os técnicos que trabalham conosco acabam recebendo mais do que a gente, mas é claro que como o filme é nosso depois nas vendas e no final a gente recupera o nosso tempo de trabalho. O fato de ter uma produtora como a gente tem, que é a Casa de Cinema, é o que nos permite fazer um projeto como o “Antes que o mundo acabe”. Todo mundo se empenha pra fazer sem pensar assim “tenho que ganhar esse dinheiro”. Estamos investindo num filme que a gente acredita. A finalização tem muitas etapas. Primeiro ordena, depois monta, aí vem o pessoal do som que edita o diálogo, que faz a música, que faz os ruídos, depois mixa. E ao mesmo tempo tem toda a correção de cor e os efeitos. Uma finalização de um longa a gente não consegue fazer em menos de quatro, cinco meses.

Quantas locações foram utilizadas aproximadamente?

Em Taquara nós filmamos em duas casas, uma fábrica e nas ruas. A casa da família, a fachada da casa da família, o pátio da casa da vizinha onde tem os periquitos. Filmamos a saída da fábrica e filmamos a casa do amigo, que é pra onde ele leva o computador que ele pegou da escola. Em Santo Antônio da Patrulha nós filmamos nas ruas, as cenas deles andando de bicicleta, saindo dos lugares e indo pra outros, as cenas das bicicletas foram todas lá e a escola. A plantação de arroz da Tailândia foi em Osório, que é do lado de Santo Antônio da Patrulha. E também num lugar abandonado, uma olaria de Osório onde o personagem tá fotografando a guerra. Tem uns menininhos brincando. Em Riozinho foi a Tailândia. Aqui em Porto Alegre nós gravamos nas ruas e na Casa de Cultura Mário Quintana. Nós tivemos umas 15 locações aproximadamente.

Quais foram as maiores dificuldades durante as gravações? Muitos imprevistos?

Não. A coisa mais chata foi uma cena que a gente fez com as ovelhas. Era uma cena em que o protagonista vem de bicicleta e passa no meio de umas ovelhas. É muito chato trabalhar com bichos. Tem um livrinho que eu adoro, que é um livrinho da Escola de Cinema de Nova York, que diz assim “Sempre evite: animais, líquidos e crianças”. Tu não controla a água, o líquido, tu não controla a criança e tu não controla o animal, sabe? Mas a gente tinha preparado muito a filmagem. Muito mesmo. O que acontece, e isso tu não tem como prever, ou melhor, na verdade tem como prever, que é o tempo, a chuva, a meteorologia. A gente tem

uma norma de produção que a gente segue que é sempre começar pelos exteriores. A menos que tenha um ator que não possa de jeito nenhum por estar em cartaz com uma peça não sei aonde, e aí a gente não começa pelos exteriores. Se o tempo está bom vamos resolver logo os exteriores, se estiver chovendo a gente faz a opção “chuva”. A gente sempre faz um cronograma para o tempo bom e para o tempo nem tão bom. Isso nos atrapalhou um pouco, porque na Serra muda muito. Tá um sol lindo e daqui a pouco vem aquela nuvem. Aí o fotógrafo fica louco, porque “a minha foto...” é todo mundo no “meu”, “a minha direção de arte”, “a minha foto”, “os meus egos enormes” e a gente vai administrando. Isso também é uma ciência. Saber administrar os talentos. Mesmo a pessoa não sendo famosa ela se acha, porque está fazendo Cinema. Infelizmente Hollywood fez isso com a gente. Todo mundo acha que fazer Cinema é uma glória absoluta. Tem que ralar muito, gente. Vamos se acalmar.

O valor do orçamento interferiu na complexidade da administração do filme?

100%. Eu nunca estourei um orçamento na minha carreira. Eu sou muito controlada e a gente só trabalha dentro dos orçamentos. Um dos motivos da Casa de Cinema existir até hoje, há tantos anos, uma produtora que existe há 25 anos é por isso, porque a gente controla o orçamento e a gente sabe o que pode e o que não pode. Tem uma teoria que diz que o orçamento é a estética do filme. E é verdade. Tu tem que fazer o teu filme dentro daquele custo. Não adianta dizer “vamos fazer um efeito incrível, projetar a Tailândia”. Não, gente, a Tailândia é ali há 10km da gente, calma aí. A gente tem que ter noção disso e saber qual é o valor que tem pra desenvolver, pra pré-produzir, pra filmar e pra finalizar. Tu tem que ser coerente com isso. Já vi coisas horrorosas acontecerem no Cinema brasileiro e não só no Cinema brasileiro, no Cinema mundial. As pessoas não se organizam, não sabem o tamanho do filme que elas tem na mão e quando veem o orçamento estoura. Vão pagar as pessoas oitenta dias depois que elas trabalharam? Não pode. Tem que ter respeito pelas pessoas e vice-versa. Quando a gente tem um orçamento curto como esse e como outros, pois não é o primeiro trabalho que a gente faz que tem o orçamento curto, tu chama a tua equipe pra trabalhar e ela confia em ti. Mesmo que ela vá receber pouco, ela sabe que vai receber aquele dinheiro. Então o orçamento é praticamente uma bíblia e tu vais seguindo “isso pode, isso não pode”, “deu problema, choveu, vamos gastar um pouquinho mais porque vamos descolar para tal local”. Tudo bem, porque tem sempre uma reservinha também. O fato da gente ter pouco dinheiro não quer dizer que a gente vai ter um trabalho de pouca qualidade, mas ao mesmo tempo tem que ter noção de que o orçamento é a estética do filme.

Como foi trabalhar com uma diretora estreante em longa-metragem?

Eu e a Ana já trabalhamos muito juntas e isso é uma coisa que só facilita. Ela sabe como eu estou fazendo e eu sei como ela vai fazer. Tem coisas que a gente não precisa nem falar, porque ela sabe que eu já to fazendo e eu sei que ela tá cuidando. A gente faz as reuniões, pois tem muita preparação. Então a gente vai ver como que iremos filmar. Por exemplo, a gente pega a cena em que o protagonista vai pro laboratório e quebra tudo, porque

ele descobre que a personagem “Mim” tá saindo com o amigo dele. “Como vamos filmar?”, “olha, o laboratório tem o seguinte, só pode botar a câmera aqui ou ali, porque tem uma parede, tem uma janela, não tem recuo”. Então a gente pensa isso juntas. Na segunda vez que ela vai discutir isso eu já não to mais na conversa. Eu já to cuidando de outra coisa. Ela fala com o Diretor de Arte, o Diretor de Fotografia, com o Assistente de Produção que vai estar na hora da filmagem. O fato de a gente trabalhar juntas há muitos anos facilita várias etapas. A gente já sabe como vai ter que ser. “Qual a relação que a gente tem”, “qual é o dinheiro que a gente vai ter pra filmar aquilo”. Ela não é só a Diretora, ela é a Produtora também, porque ela é sócia da produtora (Casa de Cinema). Atualmente nós somos quatro sócios. Além de ser Diretora do filme, ela é dona do filme, porque ela é da produtora. Não é uma diretora contratada da Casa de Cinema pra dirigir um filme. Tem uma coisa que é fundamental: se tu tem uma equipe boa, que se conhece, tu tem tudo na mão. O resto a gente resolve. E ter uma boa história também é fundamental.

Perguntas gerais:

Qual a função de um Diretor de Produção?

O Diretor de Produção, no projeto, tem que cuidar basicamente: do cronograma, do dinheiro e do bom andamento da filmagem. Um bom Diretor de Produção é aquele que sabe dirigir a sua equipe. A gente sabe que quem bota o bloco na rua é a produção. O Diretor de Produção tem que ter um conhecimento profundo da história que ele está contando, da equipe que ele está contratando, do orçamento que ele tem pra gastar com essa equipe e com o filme. A menos que o filme tenha uma Direção de Arte ou uma Fotografia muito complicada, a equipe é o maior valor de um orçamento. Pelo menos aqui na Casa de Cinema, porque se tu tem os profissionais certos, bons e ganhando bem o resto todo acontece. Um Diretor de Produção tem que saber qual a equipe que ele tá contratando. Esta é uma conversa que ele também tem com o Produtor Executivo e com o Diretor. O Diretor tem as suas preferências, “Eu quero que o meu filme seja feito com o fulano”. Na Casa de Cinema a gente nunca assina “um filme de”, é sempre assim “dirigido por”. O filme é da Casa de Cinema e não do Diretor. Isso é uma posição da produtora.

O orçamento de um filme interfere no envolvimento do Diretor de Produção? Ele se doa mais se o trabalho for maior?

O orçamento interfere 100% na administração do filme, mas também o orçamento não é tudo. Isso depende. Já está definido lá no começo. Quando tu pega o roteiro para fazer o orçamento, tu já sabe qual é o limite e vai conversar com o Diretor. “Essa cena eu quero uma câmera aérea, uma perseguição de dois carros, o ator precisa estar protegido, tem que ter dublê, eu quero quarenta figurantes, eu quero trinta carros, eu quero parar a ponte do Guaíba”. Já paramos a ponte do Guaíba no filme “O homem que copiava”. Tu tem que trabalhar com

um orçamento maior se tu vais fazer isso. No nosso filme, o “Antes que o mundo acabe”, a gente conseguiu deixar do tamanho que ele tem usando o dinheiro que a gente tinha. A gente combinou tudo isso antes. No “O homem que copiava” a gente tinha mais dinheiro, então paramos a ponte, filmamos sete semanas, tinha perseguição, tinha tiro, tinha arma. É outra coisa. Aí tens que trazer outras pessoas. Tem que ter alguém da polícia pra te orientar. É outra complexidade. O orçamento sem dúvida interfere. Tinha a Leandra Leal, que não era ainda uma super estrela da Globo, como na novela “Cheias de Charme”. Longe disso. Ela fazia novelas, mas era o segundo ou terceiro papel. Tudo isso muda muito num filme. Já fizemos filme de 5 milhões e filme de 1,5 milhões. Já fizemos filme de 400 mil reais que é o “Houve uma vez dois verões”. Fizemos em vídeo e depois passamos pra Cinema, é mais barato.

O orçamento interfere na capacidade de criação do Produtor? Quando o orçamento é menor, o produtor cria mais?

Eu acho que um desafio no filme sempre é bom. Seja ele por dinheiro, seja ele por criação, seja por fazer as pessoas trabalharem, fazer com que os atores se encantem por aquela história. O orçamento é um limitador. Isso pode ser divertido. “Vamos fazer a Tailândia em Riozinho”. A gente ria muito. Aconteceu uma coisa ótima, divertidíssima. A gente ia receber a visita da imprensa no nosso set de filmagem, os jornalistas iam se deslocar até lá. A gente fez um mapa pra eles. Nós estávamos filmando as cenas com o Edu, na região que a gente escolheu pra ser a Tailândia. Ali nós já tínhamos alugado a Paróquia pra ser o local onde iríamos fazer as refeições, o figurino e a maquiagem. Só tinha uma igreja e o salão paroquial. A gente alugou esse lugar, pagamos pra eles deixarem limpo e organizado pra gente. As pessoas todas se envolveram muito conosco. Um grupo fez a alimentação, outro nos ajudou a levar madeira. O Senhor que construiu aquela cabana era de lá e sabia lidar com os materiais de lá. Quando a imprensa chegou na cidade pra fotografar o set e entrevistar a Ana, eles não estavam achando o local. Eles encontraram um rapaz no meio da estrada e perguntaram se ele sabia onde estava a equipe de filmagem, pois estavam procurando e não encontravam. “Sei. Eles tão lá na Tailândia. Tu vai reto aqui que tu vai chegar lá.” A gente falou tanto “a Tailândia”, “a Tailândia”, que eles já entenderam que aquilo era a Tailândia. Era muito divertido. Foi um desafio grande nesse filme. Achar a cor da Tailândia, a pedra, a água, a palha, a madeira. Demos sorte, pois achamos lá e as pessoas realmente reconheciam como isso, inclusive as próprias pessoas do lugar. Isso te instiga a criar. “Vamos inventar”, “vamos resolver”, “vamos fazer esse filme”.

ANEXO B

Entrevista realizada pela acadêmica Natália Meggiato Cabral do curso de Cinema e Animação da Universidade Federal de Pelotas, que será utilizada em seu artigo de conclusão de curso.

Respostas enviadas por e-mail no dia 8 de fevereiro de 2013

Diretor de Produção: Wellington Pingo

Filme: “O Tempo e o Vento” (gravado em 2012)

Como foi o trabalho no filme?

Ter sido convidado para ser Diretor de produção de “O Tempo e o Vento” foi antes de mais nada um orgulho e um grande desafio para mim, é um filme onde fica explícito o trabalho e a grandiosidade da produção e a importância para qualquer um que esteve envolvido no projeto. Trabalhar com atores globais não me faz ficar mais ou menos preocupado com o projeto, já havia trabalhado com alguns deles inclusive com a Dona Fernanda no filme “Central do Brasil” a quem considero uma excelência de pessoa e atriz em todos os sentidos. Fazer um longa metragem no Rio Grande do Sul era um desejo que existia dentro de mim há algum tempo, acho o estado um dos mais belos do nosso país, com locações cinematográficas incríveis. Eu já havia feito diversas publicidades no estado, mas sempre por um curto período, no filme “O Tempo e o Vento” o acolhimento que o estado nos deu e em especial as cidades de Bagé e Pelotas, os moradores e profissionais destas cidades que trabalharam no filme foram de grande relevância para o êxito do trabalho, contratamos muitas pessoas do estado. De Bagé e de Pelotas havia algumas que estavam no meu departamento de produção. A maioria ainda não tinha tido experiência com um projeto deste tamanho, mas a vontade e determinação de todos foi um dos pontos altos. Dava para sentir nos olhos o brilho, a vontade e prazer de participar desta grande obra do Érico Veríssimo que é um “xodó”. A todos eles eu tenho muito respeito, gratidão e prazer de ter conhecido.

Quanto tempo de pré-produção, produção e pós-produção?

Eu sempre digo que a preparação de um projeto é um dos segredos para alcançar o êxito, quanto melhor for sua pré-produção mais tranquila será sua filmagem. Eu e minha equipe chegamos em Bagé com seis semanas antes de iniciar as filmagens, garanto que é um tempo curto para uma produção deste tamanho. A cidade cenográfica já havia começado suas obras, tivemos que trabalhar com uma carga horária um pouco maior e inclusive nas folgas para podermos pegar pé de tudo que estava acontecendo e fazer um desenho de produção

dentro do que acreditávamos que seria executável. O plano de filmagem no início estava desenhado para ser filmado em 12 semanas, mas no meio das filmagens tivemos uma baixa de um grande investidor que seria o “Polo de Cinema de Paulínia”, onde iríamos filmar as duas últimas semanas. Por problemas políticos a prefeitura da cidade resolveu cancelar o festival de cinema que iria acontecer no ano e todas as verbas que estavam em contrato e que uma delas seria para “O Tempo e o Vento” ficou ameaçada, com uma decisão sábia nossa Produtora do filme, Rita Buzzar, achou prudente não arriscar em ir para Paulínia sem ter o dinheiro em caixa. Isso nos trouxe um novo redimensionamento nas filmagens e roteiro, com isso o filme ficou em quase dez semanas de filmagem sendo todas no RS. A base principal ficava no centro de Bagé. As primeiras gravações aconteceram durante duas semanas numa Charqueada da cidade de Pelotas e no hotel de lá montamos uma outra base. Alguns produtores continuaram em Bagé, pois a cidade cenográfica estava sendo construída. Após as gravações em Pelotas a equipe foi deslocada para Bagé, onde permaneceu gravando na cidade cenográfica e em cidades vizinhas por cerca de 6 semanas. Com a perda do apoio de Paulínia, o filme retornou para Pelotas e foi concluído numa outra Charqueada de lá. A equipe ficou cerca de 2 semanas envolvida nas gravações. O produtor de frente e parte da equipe de cenografia eram enviados antes para preparar as locações. A pós-produção é uma etapa onde tem poucas pessoas envolvidas, mas não é uma etapa simples nem rápida, é o momento em que o diretor, montador e produtora tem que dar vida, fazer virar realidade todo este longo e arduo trabalho que tivemos até esta etapa, tivemos muitas horas de material com muita qualidade e variáveis e tudo isso precisa ser visto e revisto com muita calma.

Qual o orçamento do filme?

O Orçamento Inicial do filme já foi um pouco maior que 10 milhões de reais, mas a produtora teve que fazer vários redimensionamentos e só teremos o valor final, quando o filme ficar pronto.

Quantas pessoas possuía a equipe? E a equipe de Produção?

A Equipe deste filme não poderia ser pequena, tínhamos muitas frentes e a cidade cenográfica que continuava em plena construção enquanto estávamos filmando. Tínhamos em média em cada dia de filmagem 100 a 140 pessoas só de equipe em geral no set, havia dias que servíamos alimentação para mais de 450 pessoas incluindo figuração e elenco. Na parte de produção tinha eu, a coordenadora, dois assistentes, um produtor de transportes, três produtores de frente, três produtores de set, estagiários de Bagé e de Pelotas, o coprodutor executivo e os assistentes da Rita Buzzar em São Paulo. Cerca de 20 pessoas. Depois a equipe do financeiro. A Cidade Cenográfica por si só já foi uma grande produção, a equipe de arte precisava ser grande, tínhamos profissionais do RS, RJ, SP entre outros, chegavam carretas de madeiras, carretas de telhas de “época” vindas de vários lugares do RS, chegamos a ter 100 pessoas trabalhando diretamente só na cidade cenográfica, para construírem as 17 edificações, enquanto as filmagens estavam em pleno voo em Pelotas. Enfatizando um pouco mais o que

seria um trabalho de produção, “desenho de produção”: tínhamos uma filmagem em andamento, uma desprodução dos dias filmados, uma frente sendo preparada para os próximos dias de filmagem, uma grande cidade cenográfica a pleno vapor, a base de produção em Bagé e SP. O mapa de transporte era muito grande. Tínhamos por dias muitos caminhões, vans e carros para fazer o deslocamento de ida e volta para a filmagem, mais as desproduções, frentes e produções dos dias posteriores, o transporte que servia a base e a cidade cenográfica. Hotel: usamos dois hotéis de Pelotas e todos os hotéis da cidade de Bagé. Fora toda equipe que precisa morar por um tempo na cidade, ainda tínhamos as chegadas e saídas de todo o elenco que muitas vezes mudava a data de acordo com o plano de filmagem, os cuidados com material filmado que era nosso maior patrimônio, todos estes paralelos e mais precisam ser planejados e acompanhados pelo departamento de produção. Enfim, posso garantir que o trabalho de todos foi muito grande, mas o da produção que muitas vezes é deixado de lado nas lembranças, neste filme foi grande e pesado.

Quantas locações foram utilizadas aproximadamente? Em quantas cidades?

Filmamos em mais de trinta locações divididas na região de Bagé e Pelotas, algumas com acesso muito difícil e distante, mas todas elas belíssimas.

Quais foram as maiores dificuldades encontradas durante as gravações? Muitos imprevistos?

Acredito que aí é onde entra o trabalho da pré-produção, um bom desenho de produção e o plano de filmagem que bem planejados são a base para fazer com que as diárias de filmagens se tornem mais “tranquilas”. Falando de uma dificuldade que tivemos durante as filmagens, poderia lembrar de alguns dias em uma fazenda em Bagé onde choveu muito e as ruas de acesso dentro da fazenda ficaram intransitáveis. Em um dos dias dentro desta locação precisamos de auxílio de carros 4x4 para descolar toda equipe do set para o hotel. Em função deste mesmo problema tivemos que antecipar uma folga para que desse tempo do solo secar um pouco. De qualquer maneira tivemos que mudar com trator o acesso, fazendo uma “nova” estrada para acesso ao set. O antigo caminho precisou de uma semana sem chuva para voltar ao normal.

Já havia trabalhado com o Diretor Jayme Monjardim? Como foi o processo?

Eu havia feito há muitos anos atrás uma publicidade com o Jayme, ele já era experiente em set de filmagem e muito objetivo. Ele tem o filme na cabeça, chega no set sabendo exatamente o que quer. Isso facilita muito o dia a dia de todos. Sem contar que é uma pessoa que tem muito carisma e carinho de todos e por todos.

Perguntas gerais:

Qual a função de um Diretor de Produção?

Além de ajudar a fazer um desenho de produção inteligente, competente nas suas decisões e algumas coisas que falei em outras perguntas acima, eu acho muito importante a sinergia que você precisa ter com todos os 10, 50, 100, 200 ou 400 pessoas envolvidas em um projeto. O direção de produção é uma função que toma “pancada” de todos os lados. As pessoas, as vezes pelo “calor” do momento, não conseguem ter discernimento no que pensam e falam e assim qualquer problema que acontece acaba sendo da produção, ou seja, além de tudo você precisa ter muita paciência. Quando eu falo “Diretor de Produção” eu não quero deixar de lembrar que eu sozinho não faço nada. Nós somos um time de produção. Time no qual tenho muita gratidão e respeito. Todos erram e todos acertam juntos, todos “apanham” todos trabalham muito, mas o diretor de produção precisa colocar a sua cara, fazer escolhas, tomar decisões. Como diz um grande amigo meu diretor de fotografia: por isso você tem no início do nome da função “diretor”.

O orçamento de um filme interfere no envolvimento do Diretor de Produção? Ele se doa mais se o trabalho for maior?

A doação de um diretor de produção não se deve medir em função do valor do orçamento ou tamanho do projeto, eu sou contratado para fazer um filme e minha doação é a mesma para todos. A diferença básica é que “ou você sofre mais ou sofre menos”, mas o meu profissionalismo e comprometimento não estão no tamanho ou valor do orçamento do projeto que vou fazer.

O orçamento interfere na capacidade de criação do Produtor? Quando o orçamento é menor o produtor cria mais?

Eu diria que o Diretor de Produção precisa ter como uma de suas principais características a inteligência. Não diria a acadêmica específica, mas você precisa estar sempre pensando para fazer e ajudar todos a fazerem a escolha certa, mas muitas vezes a experiência é quem te ajuda nestas decisões. Ter trabalhado em produções de orçamento pequeno, médio e grande é muito importante neste processo, mas cada filme é um filme e você precisa estar sempre se inventando e atento a cada detalhe, a cada problema que pode ser evitado, porque estas coisas custam dinheiro e tempo e na maioria das vezes você não tem nem um nem outro.